

## MONTE BRASIL

Há pouco mais de 20 000 anos um pequeno vulcão surgiu junto à costa sul da ilha Terceira, até então francamente arredondada, criando o mais imponente edifício vulcânico do litoral açoriano. Do ponto de vista tectónico o Monte Brasil deve-se a um sistema de falhas paralelas ao rift da Terceira, um centro de expansão da crosta terrestre que atravessa o arquipélago dos Açores e a parte oriental da ilha Terceira, englobando os vulcões dos Cinco Picos e de Guilherme Moniz-Pico Alto. O que vemos hoje resulta de duas fases eruptivas distintas, separadas entre si por um período de acalmia.

A primeira, com início há menos de 23 000 anos, teve origem em erupções submarinas do tipo surtseiano, ainda ao largo da ilha Terceira, a sensivelmente 60 m de profundidade. Foi marcada pela emissão de cinzas e fragmentos lávicos incandescentes que, depois de soldados, originaram níveis de tufo hialoclastíticos muito consolidados. As condições de dureza deste depósito, muito resistente à erosão, levaram à sua utilização na construção civil na zona de Angra e arredores. São exclusivamente talhados nestes materiais os blocos usados na edificação da parte da Fortaleza de S. João Baptista correspondente ao século XVII.

A segunda fase eruptiva, responsável pelos níveis superiores do Monte Brasil,

é evidenciada por tufo hialoclastíticos palagonitizados, menos consolidados do que os da primeira fase e de tonalidade mais escura. Esta terá sido bem mais explosiva, uma vez que o contacto entre as lavas e a água do mar ocorreu a escassos metros de profundidade, expandindo-se as colunas eruptivas pela zona de Angra e sector sul da ilha Terceira. Os blocos usados na construção militar do século XVI são, essencialmente, deste material, capaz de absorver os impactos de grande parte dos projectéis usados pela artilharia da época. Em ambas os estádios magmas de natureza basáltica, com temperaturas muito elevadas, contactaram com água do mar, originando erupções explosivas a partir de cinco chaminés distintas, quatro das quais se fundiram dando origem à actual cratera. A quinta chaminé, hoje localizada no fundo do mar, pode ser percebida pela disposição dos materiais projectados nas arribas costeiras voltadas para sul do Monte Brasil.

Ao tempo da descoberta e início do povoamento toda a ilha era um extenso mato de laurissilva, onde predominava espécies como o cedro do mato, o louro, a urze e a faia da terra. Alguns testemunhos dessa vegetação aparecem, por vezes, na escavação de alicerces, na cidade, conservadas que ficaram as suas imagens nas cinzas vulcânicas consolidadas.

(Seguimos, de muito perto, as informações de Francisco Cota Rodrigues, da Universidade dos Açores)



## FORTALEZA DE SÃO JOÃO BATISTA DO MONTE BRASIL

O enorme espaço fortificado (3 km<sup>2</sup> de área e 5 km<sup>2</sup> de perímetro) que o Monte Brasil constitui, hoje em dia, resulta da conquista da ilha Terceira, em 1583, por D Álvaro de Bazán, Marquês de Santa Cruz, tornado Grande de Espanha precisamente por haver conseguido tomar os Açores, depois de uma campanha de três anos.

As obras tiveram início em 1593, após um período em que as muralhas eram de faxina (terra, pedras e madeira eram os materiais habituais). No essencial o esquema abaluartado será devido a Tiburzio Spannocchi, mas é Anton Coll que permanecerá em Angra e aqui morrerá, em 1618, acompanhando, sempre, os trabalhos que duraram até ao fim da presença espanhola.

É uma enorme praça forte, com aquartelamentos, praça de armas, igreja, palácio do governador, paióis e serviços, que usará os recursos agrícolas do Monte e cuja couraça defensiva se pode dividir em três porções: a frente voltada a Angra, de desenho italiano tardorenascentista, com três baluartes e dois meios baluartes, onde se insere a porta principal e o portão dos carros; a cortina de Santo António, voltada ao porto, que une fortificações anteriores e se apoia num caminho, a cota intermédia, para abastecimento; e a cortina de São Diogo, voltada à baía do Fanal, nos flancos. A muralha, a ligar os baluartes, tem uma altura que varia entre os 14 e os 19 metros, com um fosso, escavado no tufo, onde se notam “covas de lobo”.

O material usado na construção foi um tufo vulcânico de baixa dureza e sem linha de fractura, extraído das pedreiras no Monte Brasil e perfeito para absorver o impacto das balas. A mão-de-obra, que envolveu muitos canteiros

e pedreiros locais, cujas siglas são visíveis, foi, em larga escala, fornecida por criminosos condenados a galeras, mas encaminhados para as obras do Castelo, e por soldados do presidio, punidos a nelas serem lançados.

A subida às muralhas proporciona um vasto domínio paisagístico sobre a cidade, baías laterais e grande parte da costa sul da Ilha. O comando de fogos é, porém, insuficiente sobre a cidade face às cotas do terreno onde se encontra implantada a fortaleza.

O “presídio” espanhol veio sobrepor-se a fortificações já realizadas nas costas do monte, por Ciprião de Figueiredo, partidário de D. António Prior do Crato, que seguiu o plano traçado, em 1567, por Tommaso Benedetto, de que podemos recordar, por exemplo, os fortes de São Benedito e o de Santo António, voltados a Angra, e o de São Diogo, voltado à baía do Fanal.

A partir de 1642, já com a designação de Castelo de São João Batista do Monte Brasil, são iniciados trabalhos de construção do reduto dito do general Saldanha e é edificada a grande igreja, frente ao portão principal, sobre os alicerces deixados pelos espanhóis, deixando de se usar a primitiva capela de Santa Catarina de Sena, ao canto da praça de armas.

Durante a guerra civil, entre 1828 e 1834, são várias as modificações e construções, nomeadamente na zona de São Diogo e, durante a segunda guerra mundial, é instalada, no pico das Cruzinhas, uma bateria anti-aérea de calibre 9,4 cm, além de algumas posições acasamatadas, abertas nas velhas cortinas voltadas ao mar. São, de facto, 500 anos de edificação de estruturas com carácter militar.



## CASTELO DOS MOINHOS

A primeira construção defensiva a ser iniciada nos Açores foi edificada neste outeiro, hoje conhecido como “da Memória”. Embora já desaparecido trata-se, verdadeiramente, do único castelo dos Açores, seja pela posição sobranceira seja pelo formato, que se pode conjecturar, com grande certeza, como sendo de expressão quase quadrangular com bastiões semicirculares, a meio de cada pano de muralha. É o tempo, ainda, da artilharia de curto alcance, errática na pontaria, de tecnologia pouco evoluída. Os modos medievais de combate ainda estavam muito próximos.

Terá sido Álvaro Martins Homem, fundador de Angra, mas que não chegou a ser seu Capitão, a iniciá-lo, cerca de 1470, ao mesmo tempo que definia a urbe e o canal artificial da ribeira dos moinhos, de que tinha o exclusivo. A proximidade da ribeira e dos moinhos de água deu origem ao nome popular, que manteve, mesmo quando, em alguns documentos ou relatos, aparece com outras designações: São Cristóvão ou São Luís.

O primeiro e verdadeiro Capitão do Donatário de Angra, João Vaz Corte-Real, que recebe carta de capitania em 1474, não se terá interessado na continuação dos trabalhos, mas o surgir de navios castelhanos nos mares dos Açores

motivou a infanta D. Beatriz a enviar à ilha o provedor das fortificações, Pedro Anes Rebelo, para orientar os trabalhos de amuralhamento da vila da Praia. Rebelo acaba por casar com uma sobrinha da mulher de João Vaz e termina o castelo em 1493. Terá sido o seu primeiro governador.

Sabe-se que, em 1495, João Vaz é alcaide do castelo e existem decisões suas, nomeadamente cartas de doação de terras, lavradas no seu interior. Castelo senhorial, com funções senhoriais e de domínio, mas longe do mar, donde viriam, em princípio, os ataques previsíveis, será essa a razão por que, desde cedo, começa o seu declínio.

Serviu, no entanto e com sucesso, de posição de artilharia para bombardear a fortaleza do Monte Brasil, durante o cerco de 1641/42, e foi usado, depois, como casa da pólvora da cidade. Já sem serventia é, finalmente, doado à Câmara, em 1839, que ali manda construir, a partir de 1844, o monumento em honra de D. Pedro IV, aproveitando-se da fortaleza e das suas pedras.

É admissível que parte da plataforma elevada, onde está a pirâmide evocativa de D. Pedro, ainda contenha porções dessa primitiva obra de fortificação e observando o local, da zona baixa da cidade, é fácil imaginá-lo, ainda hoje.



## FORTE DE SÃO SEBASTIÃO

O comércio ultramarino e a presença de corsários, sobretudo ingleses e franceses, que surgiam, cada vez mais amíde nos mares dos Açores, perseguindo as naus da Índia de Portugal e das Índias de Espanha, redefiniam as funcionalidades de Angra, logo nos inícios do século XVI.

A pirataria era contrariada, com alguma eficácia, pela Armada das Ilhas, conjunto de navios que permanecia nestes mares entre Maio e Agosto, indo até às Flores e Corvo, vigiando, combatendo, e procurando abastecer as naus ultramarinas, em alto mar, evitando que se expussem a demasiados perigos ao quererem ancorar no porto, mas a necessidade de defender também o porto era evidente.

Será com a vinda do engenheiro militar italiano Tommaso Benedetto de Pesaro, contratado pela regente D. Catarina de Áustria e aqui chegado em 1567, que o sistema defensivo da ilha Terceira é concebido como um todo e as primeiras obras têm início. Em 1576 já se encontrava capaz de ter um alcaide-mor por alvará passado, em 25 de Outubro, a Manuel Corte-Real e toma o nome de Santo correspondente ao do Rei D. Sebastião.

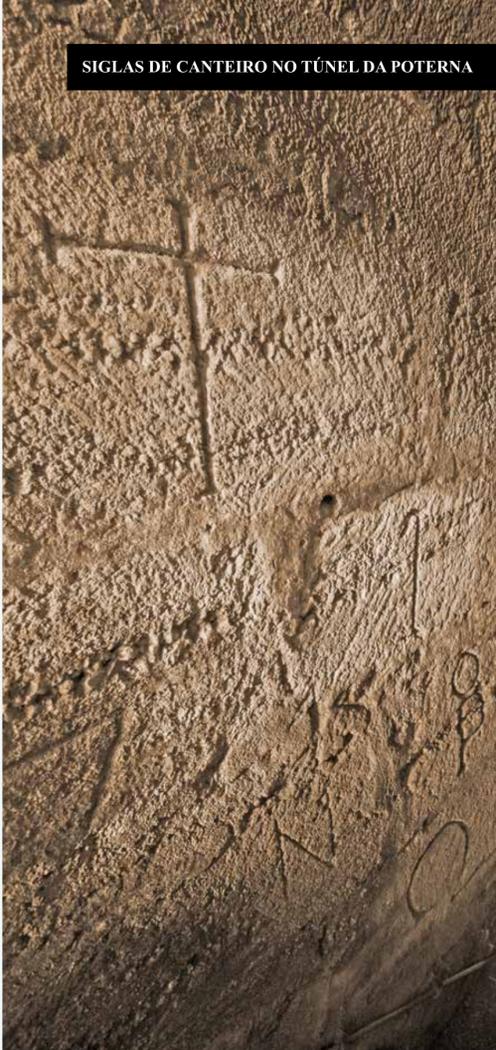
Fortaleza de desenho italiano, tipicamente renascentista, orgânica e já com um sistema abaluartado perfeitamente desenvolvido, em boa verdade trata-se de uma plataforma, de expressão triangular, edificada para permitir que a

artilharia possa impedir qualquer tentativa de entrar na baía. Cruzava fogo com o forte de São Benedito, na costa do Monte Brasil e em posição fronteira. A porta principal, voltada a terra, é flanqueada por dois baluartes, que se destacam da cortina, mais recuada e com porta, ao centro, a que se acede por uma pequena ponte de pedra sobre dois arcos notando-se, perfeitamente, onde ficava, antigamente, a inserção da ponte levadiça. O portal é encimado por uma pedra lavrada, com as armas nacionais do tempo de D. Sebastião, ladeadas por setas, alusivas ao santo padroeiro.

Dois outros elementos, acrescem-lhe o interesse: uma bateria coberta e acasamatada, que permitia duplicar o poder de fogo sobre a Baía das Águas, a leste, e uma bateria baixa, no que seria a proa se de um navio se tratasse, e que ampliava, fortemente, a eficácia do tiro. Dispunha de casa do governador, aquartelamento, paiol e cisterna.

Durante a revolta de 1641/42 foi fulcral para impedir qualquer apoio espanhol ao Monte Brasil; para garantir a defesa do porto recebe obras, na bateria baixa, em 1830, no contexto da guerra civil; albergará, em 1943, o primeiro quartel general das forças britânicas, desembarcadas em Angra a 8 de outubro daquele ano.

## SIGLAS DE CANTEIRO NO TÚNEL DA POTERNA



## O MONTE BRASIL E AS TRÊS FORTIFICAÇÕES DE ANGRA

Olhar a cidade de Angra, do outeiro da Memória, das muralhas do forte de São Sebastião, a nascente da baía, ou do Pico das Cruzinhas, em pleno coração do Monte Brasil e da fortaleza de São João Baptista, a oeste, é revisitar mais do que três locais fortificados.

Em boa verdade Angra, “do Heroísmo” desde 1837, surge porque existe o promontório do Monte Brasil, gerador de ancoradouros e protector contra a maioria dos ventos dominantes. A cidade nasceu à sombra da angra, pequena baía, donde tira o nome e a razão de existir.

Sem o Monte seria impossível o abrigo, mesmo que nem sempre seguro, nestas latitudes do Atlântico central, apoiando a circulação de frotas e navios dos dois impérios ibéricos, entre os séculos XVI e XVII, e ficando marcada, para sempre, desde o casario à culinária, por uma história que só se compreende se nos lembramos da Guiné e da Costa da Mina, de Goa e Malaca, de Cartagena de Índias, de Sevilha ou da Baía.

Mas podemos ir mais longe. Os dois impérios ibéricos sempre demonstraram formas, quase opostas, de se relacionar com o mar e Angra é testemunho disso.

Para Portugal, sobretudo o desses séculos recuados, o mar é um aliado, permitindo um império apenas com pontos de contacto em terra onde interessasse comercial, servido por um sistema de rotas apoiado nas águas do oceano e flexível consoante as necessidades. “Mar quanto vejas, terra quanto te baste” poderia ser o lema. Por isso Angra foi base da Armada das Ilhas.

Para Espanha, não obstante o poderio naval e as vitórias conseguidas, o mar parece ter sido visto, quase sempre, como algo de estranho, sendo preferível usá-lo apenas para atravessar de um continente a outro, de uma terra a outra. Daí a construção de um espaço fortificado rodeando o Monte Brasil e praticamente inatacável.

Entre os séculos XVIII e XX essa relevância desaparece, mas a posição estratégica mantém-se. É assim que Angra volta a desempenhar um papel fulcral durante a guerra civil portuguesa (1828-1834) e a ser movimentada pelos dois grandes conflitos mundiais do século XX.

Visitar Angra, com o olhar que lhe propomos em título, é percorrer cinco séculos de visões do mundo, na diversidade da arquitectura militar, dos conceitos de defesa e ataque, nas evoluções da artilharia e das armas de fogo até ao aparecimento da aviação, e compreender, talvez um pouco melhor, o mundo em que vivemos.

“As ilhas dos Açores são detentoras de uma biodiversidade ímpar, não sendo, assim, difícil de entender a importância da sua preservação. A ART, em linha com os pressupostos que saíram da Conferência Açores 2017, no rumo do Turismo Sustentável, tem vindo a adoptar atitudes sustentáveis e de melhorias para a diminuição dos danos causados à natureza. Damos a primazia aos materiais reciclados em todas as nossas produções.”

José Toste, presidente da Associação Regional de Turismo

ART ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE TURISMO



### CASTELO DOS MOINHOS



O casarão esconde, hoje, a zona de boas terras de cultivo, fundamental para os povoadores da "parte de Angra".



A perspectiva de domínio d o Senhor Capitão, olhando, de cima, o povoado, junto à ribeira e dos seus moinhos.



A rua simiosa, que desce em direcção ao porto, terá sido a primeira rua de Angra, no século XV.



Memória a D. Pedro IV. As pedras do velho castelo, sem uso, deram vida a este monumento ao liberalismo, em Portugal.



Lá em cima! O lugar natural de refúgio de gente mais habitada a montanhas do que ao mar.

### FORTE DE SÃO SEBASTIÃO



O avanço das muralhas dos dois baluartes protege a ponte e entrada. A grande novidade do abaluarto italiano, da Renascença.



A memória do desembarque aliado, em outubro de 1943.



O paço, maciço, e a casa do governador da fortaleza, enquadram a antiga praça de armas.



Bateria coberta. Duplicar a capacidade de tiro na zona mais desprotegida da fortaleza.



Túnel de acesso à bateria baixa, por onde desciam as peças de artilharia, seguras por cordas e esforço humano.



A bateria baixa, preparada para tiro rasante à água, mais eficaz contra os navios.



A torre de comando, fundamental para orientar, com eficiência, a nova arma do Renascimento: a artilharia.



A razão principal de toda a fortaleza é a proteção do porto e o cruzar fogo com São Benedito, ao fundo, no Monte Brasil.

### FORTALEZA DE SÃO JOÃO BATISTA DO MONTE BRASIL



Uma peça oriental, de enorme calibre, "a Malaca", ficava ali, quase por cima da porta dos carros, pronta a cobrir de metralha os atacantes.



Enormes sistemas para guardar a tão preciosa água. Fonte de doenças, também, como sucedeu durante o cerco de 1641-42.



Praça principal da fortaleza. A grandeza de uma fortificação atlântica e os símbolos do poder real, militar e religioso.



No ponto de muralha mais alta, o torreão da bandeira, onde o pavilhão liberal azul e branco flutuou, pela primeira vez, em terra.



Porta de armas, ponte, baluartes, fossos e covas de leão. Toda a gramática da nova arte da fortificação.



Escotilha, a porta da poterna ou da traição, para as saídas de surpresa, em caso de cerco.



Síglas de caneiro do túnel da poterna.



Forte e cortina de São Diogo. Voltada ao Fanal, protege o flanco oeste da fortaleza.



Forte e cortina de Santo António. Voltada a Angra, engloba, entre outros, o forte de São Benedito, obra de meados do século XVI.



Quinta e capela de Santo António da Casa de Regalo dos governadores da fortaleza. Tinha vinhedos, fruta e pequenos tanques e fontanários.



Durante quatro séculos, diferentes modelos de sinalização alertaram Angra dos navios a chegar e dos movimentos no mar próximo.



Desde as primeiras fortificações até esta bateria anti-aérea, da segunda guerra mundial, 500 anos de continuas obras militares, no Monte Brasil.



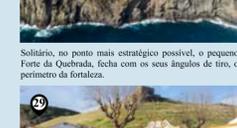
Metádo já dentro da cratera e, por isso, acumulado das explosões, o principal paço espanhol, com as suas guaritas.



Solitário, no ponto mais estratégico possível, o pequeno Forte da Quebrada, fecha com os seus ângulos de tiro, o perímetro da fortaleza.



O maravilhoso tufo do Monte Brasil, rocha ideal para absorver o impacto das balas, ali mesmo junto do lugar onde era necessário.



Chafariz do Castelo e casa da guarda. A falta de água no Monte Brasil obrigou a esta grande dependência de abastecimento exterior.



Memória a José Dias e seus companheiros, mortos durante o cerco ao Castelo de São Filipe do Monte Brasil. 1 agosto 1641.



Escadas lívicas basálticas e tufo. Uma vida geológica turbulenta, de cerca de 23 000 anos.

Pontos 21 e 22 com visita sujeita a autorização militar